

## PROBLEMAS DA PRÁTICA PSICANALÍTICA\*

Miriam Nogueira Lima

Ontem Freud estabelecia os limites e as possibilidades da prática psicanalítica de maneira incansável e rigorosa. Cioso de sua invenção, não descuidava de zelar por ela e pelo seu desenvolvimento, como demonstra, por exemplo, em suas cartas ao jovem discípulo Edoardo Weiss (1979:47-49). Hoje se fala da crise atual da psicanálise e tenta-se prover os meios para sua resolução. Dessas iniciativas certamente dependerá o nosso amanhã e cada um de nós deve dar sua contribuição. As reflexões aqui contidas podem ser uma delas.

Compartilho com muitos o ponto de vista de que o valor da teoria analítica é sua aplicação e pergunto: o que há com a prática clínica da psicanálise hoje em dia?

Faço acompanhar essa pergunta de outras que revelam algumas inquietações: será que a entrada da psicanálise, e seu estabelecimento, no âmbito universitário têm trazido maior ênfase ao ensino do que a transmissão? Uma hipertrofia do saber instituído em detrimento do saber instituinte o saber em seu estado nascente? Não se está, de modo geral, produzindo teses e mais teses, porém girando-se em círculo, falando-se sempre do mesmo, sem avanço teórico significativo nem inventividade? Como produzir com criação, promovendo o reabastecimento da teoria psicanalítica? Finalmente, uma afirmação – acredito firmemente que é a partir da prática. Entretanto, é na articulação entre prática e teoria que reside toda a dificuldade e constata-se a necessidade de dispositivos que possibilitem ao analista isso que é o seu maior desafio.

Por todas essas questões iniciamos o estudo do Traço do caso, criação de Claude Dumézil, colocando em prática com outros colegas da EDCA e do Corpo Freudiano, a cerca de três anos, uma experiência calcada em suas indicações, na intenção de desenvolvermos não somente nossa prática, como também a prática de analisarmos nossa própria experiência de analistas, articulando-a com a teoria.

É possível que a formulação básica do Traço do caso tenha partido da seguinte questão levantada por Dumézil:

[...] qualquer reflexão ou conceituação diretamente saída da experiência encontra seu limite no fato de que, estando a teoria inteira da psicanálise contida em princípio em cada situação de tratamento, tal situação deve enquadrar-se bem com aquilo que no transcurso dos anos, publicações e debates de idéias, parece haver-se edificado com solidez. Como esperar então que um fato novo nascido da reflexão e da prática de um analista venha a acrescentar-se à construção, com o risco de modificar sua harmonia ou sua estabilidade? No mínimo, este fato novo se colocará na lista das extravagâncias que será preciso isolar, descrever, excluir ou, então, ao contrário, incluir, mas ao preço de uma ementa ou de uma ata adicional, fonte de disputas ou exegeses. Mas, geralmente, sem grande efeito de reabastecimento. (Dumézil, 1992:105).

Além desta questão, desejo destacar outra a partir do que ele diz nesse mesmo texto e que relaciono diretamente com a questão da formação do analista.

"O trabalho com o traço do caso enquanto uma colocação em perspectiva de um momento desta estrutura dinâmica\*\*\*\* é instituinte quando faz ouvir ao analista que se expõe o ponto limite em que uma estrutura analista em função se encontra com sua própria estrutura de analisante". (iden : 111).

No meu entender, o ponto principal da formação do analista é que ela se norteia principalmente pelo saber inconsciente, o que também é sublinhado por Dumézil, no mais além do preparo teórico, técnico e livresco do analista em formação, posicionamento que o Traço do caso não perde de vista.

Sobre nossa formação, nunca é demais lembrar e relembrar que o ato de autorização do analista supõe o reconhecimento de que estamos e estaremos em formação permanente, uma vez que a função analítica não se garante em títulos nem nomeações que nos sejam dados por instituições, quaisquer que sejam elas – desde a universidade até as escolas de formação e associações de analistas. Estas devem ocupar-se de um estudo aprimorado dos conceitos da psicanálise, sem dúvida. E neste sentido, vale lembrar o que diz Lacan em 1956 (Lacan, 1998), sobre a importância dos conceitos em detrimento dos preceitos. De fato são eles que fundam a psicanálise, renovadamente, enquanto que os preceitos muitas vezes a "afundam". Consideremos a rigidez dos preceitos teórico-técnicos padronizados da IPA de então contra os quais se (in)surgiu Lacan.

Nos dias que correm, entretanto, observamos em nossas instituições lacanianas um ruído que em nada contribui para aprimorar nossa escuta a partir da qual, aliás, a função analítica pode agir. Diante disso, devemos ficar bem alertas, pois é sabido que muito barulho ensurdece. E se é fato que o inconsciente empalideceu, perdeu suas cores e já não mais se manifesta como na época de ouro da psicanálise, segundo afirmação de Lacan citado por M. Silvestre (1991:34), isto se deve ao ensurdecimento dos analistas, certamente. A partir dessas duas metáforas, lembro o que propõe Didier-Weill (1997) sobre o encontro do olhar com a voz, quando o primeiro – enquanto olhar do supereu, olhar do mau-olhado, da inveja e da competição malévola – comanda a perda da segunda.

Assim, na vertente imaginária do supereu que ordena o "cale-se!" ao sujeito, em meio a lutas de prestígio, manifestações narcísicas exacerbadas, jogos de poder e competições – todos esses efeitos de não ceder o gozo superegóico – a função simbólica sofre e a palavra subjetivada perde sua chance de ser escutada ou mesmo de advir, contrariando-se, desta forma, o desejo freudiano expresso no *Wo Es war soll Ich Werden*.

Estejamos em permanente formação, como propôs Freud em seus escritos técnicos, suas recomendações aos analistas praticantes, e também Lacan ao tratar da formação do analista. Ambos nos incitaram a sair do sono do imaginário, a não nos esquecermos do principal: a escuta analítica. Seja na prática extensiva, a começar entre nós mesmos, seja em nossa prática em intenção. Penso que assim o analista avança a teoria e a prática clínica da psicanálise e esta tem chance de um novo amanhã, na travessia deste final de século.

Portanto, é tempo de dizer não a essa história de competições fratricidas. Tempo de estabelecer vínculos de trabalho no desenvolvimento de dispositivos que favoreçam nossa permanente formação. Tempo de promover a circulação do saber inconsciente e a vertente simbólica das questões. Penso que esta é uma via capaz de tornar um pouco mais suportável o real das diferenças, o inevitável mal-estar inerente, bem como de fazer face ao imaginário narcísico das remanescentes e infantis disputas de vamos ver quem é que fica com, ou quem tem o melhor pedaço do idealizado papai.

O analista deve trabalhar muito e bem. E para isso necessita de dispositivos verdadeiramente analíticos que o habilitem em sua prática, no contato com inconsciente e no aprimoramento de sua escuta. Não faltam os que necessitam, desejam e podem ser analiticamente escutados. É só ter olhos para olhar e ouvidos para escutar.

Rio de Janeiro, Junho, 1998.

---

## **Notas**

\* Versão resumida do texto apresentado na Jornada Interna do Corpo Freudiano – Rio de Janeiro, Junho/1998, apresentado e discutido na Jornada A flecha do tempo, da Edca - Escola da Causa Analítica, Agosto/1998.

\*\* Dumézil refere-se à "estrutura dinâmica" do tratamento e aborda o "percurso nessa estrutura".

## **Referências Bibliográficas**

DIDIER-WEILL, A., Os três tempos da lei, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

DUMÉZIL, C., "Percurso na estrutura", in La marca del caso, Buenos Aires, Nueva Visión, 1992.

FREUD, S. e WEISS, E, Problemas de la práctica psicoanalítica, Barcelona, Gedisa, 1979.

LACAN, J. "Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956", in Escritos, Jorge Zahar, 1998.

SILVESTRE, M., Amanhã, a psicanálise, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1991.